

MEMENTO MORI . MEMENTO VIVERE ou

Precisamos falar da morte ou

Circulação do espetáculo Criatura, Uma Autópsia

*Para se ser verdadeiramente feliz
é necessário contemplar e refletir sobre a morte
ao menos cinco vezes ao dia.
(Ditado do Butão,
reino budista no extremo leste do Himalaia)*

UM PRÓLOGO

Dia 26 de julho de 2022 meu pai morreu.

Início a escrita deste projeto três dias depois, sem saber se conseguirei elaborá-lo a tempo para a data de postagem, em uma semana. Estava, enquanto o acompanhava no hospital em suas tortuosas cinco semanas lutando contra uma insuficiência cardíaca agravada pelo Covid-19, escrevendo um outro projeto para este edital. Uma continuação do projeto Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher – circulação dos solos autorais femininos Criatura, Uma Autópsia, Inventário e Quebra-Cabeça contemplado pela 11ª edição do Prêmio Zé Renato. Um projeto-manifesto feminista sobre o silenciamento histórico de autoras mulheres, carregando outros espetáculos femininos como propunha o projeto anterior. Projeto quase pronto, meu pai morreu.

Meu espetáculo **Criatura, Uma Autópsia** é uma fricção entre o romance Frankenstein, ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Shelley. Frankenstein pode ser lido como um romance de ficção científica (é considerado o primeiro do gênero), como uma história fantástica, como uma metáfora para a híbris humana. Mas olhar para a vida da então menina de 18 anos que o escreveu é apreciar um enorme cadáver criado a partir dos mortos da vida da própria autora. A dramaturgia do espetáculo se dá através de um recorte, inspirado no poema que Percy Shelley escreveu sobre a morte de seu filho com Mary, William:

*Nós olhamos para o passado
e encaramos horrorizados
os fantasmas com aspectos estranhos e selvagens.
Nós dois ainda permanecemos,
em uma terra solitária
**como túmulos para marcar
a memória de alegrias e tristezas.***

A morte, presente na vida de Mary desde seu nascimento, é o “marcador” para a dramaturgia. Mary Shelley perde a mãe, a precursora do feminismo e autora de "Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher" Mary Wollstonecraft, 10 dias após seu nascimento. No curto espaço de tempo entre 1814 e 1822 coberto pelo espetáculo (e que inclui o período de escrita e primeira publicação de sua famosa obra) Mary vê morrer não apenas três de seus filhos, mas também seu companheiro Percy Bysshe Shelley, sua irmã Fanny, Harriet (esposa oficial de Shelley) e seu amigo John Polidori. Mary Shelley é cercada pela morte e escreve um romance sobre a imortalidade. Através dele, ela mesma atinge a imortalidade.



Mary Shelley embala a cabeça de sua mãe, Mary Wollstonecraft. Foto de Rachel Pessoa.

MEMENTO MORI . MEMENTO VIVERE ou

Precisamos falar da morte

Meu pai morreu.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Eu ia escrever um projeto feminista apesar de já, desde o início do processo de pesquisa do espetáculo, querer falar sobre morte e luto. Rascunhei um projeto uma vez. “Ninguém vai se interessar por isso. Não está entre os temas considerados relevantes para se fazer arte hoje. É preciso um recorte identitário.” Pensei. Estava certa? Errada? Não sei. No entanto, o que eu sei, é que todas / todos / todes nós vamos morrer. Mulheres, homens, cis, trans, agêneros, não-binários, gays, lésbicas, assexuados, bissexuais, brancos, pretos, indígenas, asiáticos, pobres, ricos, milionários, miseráveis, de esquerda, direita, religiosos, ateus - vamos morrer. Vivemos, inclusive, nos últimos anos num estado de necropolítica em meio à maior pandemia da história recente, e ainda assim não conseguimos falar de morte, da nossa própria morte, daqueles que amamos. Falamos de morte como uma generalidade social, como um elemento político, mas não conseguimos discutir a morte como um assunto cotidiano.

Passei os últimos anos, desde o início do processo deste espetáculo em 2017 até hoje - enquanto pedia auxílio funeral para reembolsar o enterro do meu pai e enfrentava a burocracia em bancos, cartórios, seguros - falando e pensando e entendendo a morte. Mary Shelley olhou a morte nos olhos, continuamente. Semanas após perder Shelley escreveu em seu diário: “Pai, mãe, amigo, marido, filhos, todos que formaram, por assim dizer, a equipe que me conduziu até aqui, todos se foram, e me resta cumprir minha tarefa. Que assim seja. (...) Amanhã devo começar esta minha nova vida.” “Memento mori, memento vivere” (lembre-se que vais morrer, lembre-se de viver), escreveram os filósofos estoicos que tratavam a morte como algo natural e certo que não deve ser temido mas sim, elaborado. Mary Shelley usou a morte como argila para o seu trabalho. Faça o mesmo agora.



Mary Shelley apresenta ao público a cabeça de sua irmã Fanny, que suicidou-se em 1816. Foto de Danilo Apoena.

Meu pai morreu.

Eu ia escrever um projeto e escrevo outro. Deixo **Criatura, Uma Autópsia** ser sobre o que é sem tentar cerca-lo de justificativas que encham o olho da comissão que julga esse prêmio – justificativas todas verdadeiras, a se dizer. É um espetáculo feminista, sim, sobre uma artista que foi silenciada e obrigada a publicar anonimamente pois era inconcebível à época uma mulher escrever sobre assuntos que fugiam do que era definido como “literatura feminina”, considerada um gênero menor. É um espetáculo criado por uma mulher artista, eu mesma, sem patrocínio, sem aportes públicos. À Mary foi sugerido que o livro não revelasse o gênero de sua autoria para não alienar parte dos leitores. A mim tudo sugere que usasse meu gênero como forma de talvez abocanhar o quinhão reservado a obras feministas. **Criatura, Uma Autópsia** fala sobre MORTE. Morte e luto. Morte e solidão. Morte e busca por pertencimento. Sobretudo sobre morte e criação. Numa versão radical este projeto proporia uma circulação gratuita por cemitérios públicos. Não vou fingir que

seria possível ou aceitável numa sociedade que ainda vê os mortos como algo intocável e o assunto (e lugar) como algo mórbido.



Mary Shelley despede-se dos filhos, Clara e William, mortos, respectivamente, por disenteria e malária. Vê-se o coração de seu companheiro, Percy Bysshe Shelley, que resistiu às chamas de sua cremação após seu afogamento em 1822. Foto de Danilo Ferrara.

Ou Circulação do espetáculo Criatura, Uma Autópsia

Este projeto não vai tentar sequer cercar-se de milhões de braços conceituais. É um projeto de circulação de um espetáculo sobre morte. Um projeto simples, econômico, sobre morte. O projeto aqui proposto inclui a circulação presencial (impossível no projeto anterior, contemplado em plena pandemia e realizado de forma virtual) do espetáculo **Criatura, Uma Autópsia** por 5 teatros / espaços da cidade de São Paulo que cubram as 5 regiões (norte, sul, leste, oeste e centro) – realizando 4 apresentações em cada espaço (total de 20 apresentações). Também 5 palestras gratuitas sobre a morte e o luto sob a perspectiva de diferentes religiões e filosofias - Budismo, Religiões Abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e

Islamismo), Tradições Afro-Brasileiras, Tradições Indígenas e Humanismo, e 1 oficina de dramaturgia física com duração de 40 horas tendo como tema **MEMENTO MORI** .



“Para mim, morte e vida foram deste sempre elos inseparáveis”. Mary Shelley em Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno (1818). Foto de Danilo Apoená.